

LEONARDO BACHIEGA

Figueira das lágrimas

e outras
imagens

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2023

Figueira das Lágrimas

I

Tropeiros em lombo de mulas sempre esperam a próxima viagem e por que não todos nós? Pela estrada, poeira, terra batida, mato fresco, árvores tentam simplificar o caminho, passarão pela Calçada de Lorena. Que obra grandiosa, uma mão na roda, não é verdade? Mas o percurso será longo, o mar é distante. O mar é o fim e começo de tudo, disse Tião Guerreiro, assim como a vida. O sol é brasa! Vamos ferver nessa terra! Tem uma parada mais à frente, não se preocupe. É a primeira viagem de Loló, está se sentindo grande. Tava na hora do menino trabalhar, diz Tião Guerreiro. Vai demorar? Então, o gigante se destaca na paisagem como um soberano rei deste recinto onde o verdadeiro teto é a cor do céu. Resolvem, como sempre, descansar sob a copa desse mamute. Tem mais água no cantil, me passa? Claro, está cheio. Não era relutante pensar que teriam um longo caminho pela frente até Santos, teria a estrada de terra como uma passarela de aventura, cansaço e suor. Mas a vida é assim. Tem razão, amigo. Desceram dos animais e postaram-se ao pé daquele ser. Essa sombra é boa, é ampla, cabe uma escola aqui. Não exagera. No coração da árvore.

Tião, por que a Juréia ficou manca? Não entendo. Ela não consegue mais ir até lá?

É aguamento, Zézo.

E o que há de fazer?

Levei pra benzer e pra curar com ervas na Mãe Morena.

Ela é uma santa.

Descansam o que precisam sob a copa monumento. Dizem que Dom Pedro descansou nessas sombras antes de dar o grito. É verdade, Tião? Pois é o que dizem. Benza Deus, que árvore abençoada. Sobem nas mulas, sem tempo para qualquer cerimônia, é o momento de partir, temos muito chão, quando a estrada pede, nós temos que obedecer. Temos que abastecer muita gente, não há estrada que não se possa desfrutar. Partiram todos, Tião Guerreiro, Loló, Zézo e os demais. É essa a viagem, você para numa grande árvore para o frescor da sombra, o homem parte, as folhas ficam para o próximo que necessitar.

II

A guerra começou, diz a triste mãe, junto com algumas outras, que disputam o espaço no choro, na lágrima, esse pranto de cada filho que está aqui e agora vai à luta contra os paraguaios. O ritual é sempre o mesmo, a oração, o pedido a Deus e mais uma vez a lágrima. O que arde em mim, meu filho, sua partida... debruça em abraços e beijos. Dona Cida Merendeira, o seu filho está indo para a guerra, sabe-se lá, se volta com vida. A dor de Dona Cida é o acumulo de vezes que ela pede no livro de reza por seu menino a vida. Eu quero você com vida, meu filho... Eu vou voltar, diz ele com orgulho. Fica

em paz, mãe. Beija pela última vez a testa da mulher no destorçar do momento e parte com os demais, a história se repete, a guerra é logo ali. O mesmo se passa com a esposa que acompanha o marido, leva os filhos, a despedida as mesmas lágrimas ante o quê? Vai saber o que pode acontecer. Você vai voltar, diz Dorotéia, João Grande a beija com paixão, abraça o filho, dá um beijo da testa da menina, faz mais um carinho na cabeça de cada um e parte. A lágrima, quando escorre e cai na boca, tem um gosto salgado. É engraçado, é uma água que sai de dentro da gente, mas não serve para beber, acho que é porque, no seu interior, a matéria-prima do ser humano, é feita de dor.

O marido fala... A estrada pede, nós obedecemos e seguimos o caminho, aos que ficam e aos que vão, cabe a luta. Para o que vai, a luta é um inimigo que prescreve a lição de se conquistar algo, quiçá se defender, defender um ideal, que seja um lugar, seus meninos. Já a luta do que fica é com ele mesmo, é esse pesar pela volta incerta, esse triste desespero, do não poder fazer. O nosso solidarizar-se é um estado de busca pela serenidade e não estar num caos interior. A esperança estará em ambos e ficará impregnada nas folhas dessa árvore, que se tornou o símbolo da despedida onde cabe o espaço do sincero adeus, é como se a copa falasse.



Juca Lama me contou um dia, os jovens doutores do Largo São Francisco que se descobrem em sentimentos de amor, amizade e sincera saudade, indo para as copas da figueira, se despedir aos seus caros, os amigos queridos. Esses anos foram de sabedoria

para mim, disse Felipe. Eu também aprendi muito com você, sucesso, meu amigo, nos encontramos em breve. Esses dois que, por anos, se tornaram fraternos e onde reluz a sincera alegria da vida, a amizade... lá estavam eles. Terão agora a vida toda essa gratidão do momento. Não terão mais a convivência do dia a dia, a vida tem suas fases, mas o sentimento perdura. O que importa é o que fica guardado na gente, o que importa são as lembranças, o que a memória vive. Despedem-se com um longo abraço, um deles sacode a cabeça o querido, diz a estrada chama, nós temos que obedecer e se vai. A cidade é testemunha desse companheirismo e a figueira entende o sentimento sincero, tudo passou naquele instante, confidências amorosas, lutas estudantis, festas colossais, o primeiro dia de aula, um momento de particular emoção, o momento da despedida. Tudo, a que a árvore se ergue como um sinônimo de resistência para este lugar.

Essa figueira resistiu, está de pé até hoje, em pleno século vinte e um em dois mil e vinte e dois. Ela que viu tanto e é parte de tanto, é parte dessa história que eu conto hoje. Mas quantas outras figueiras, paus-brasis, ipês, quaresmeiras, pitangueiras, araucárias, árvores outras, rios outros. E se, em vez das marginais, tivéssemos espaços para que as pessoas dialogassem com o rio, parques, restaurantes, habitações onde a mistura de classes traz o prazer, e não uma autopista de oito faixas de cada lado criando uma barreira nas margens do rio, por que enterrar o Tamanduateí? E tudo o que foi tomado a tapa e executado em pleno céu aberto em prol do desenvolvimento. É isso fica? Serão essas as lágrimas da figueira?

Ele voa...

Você gosta de trabalhar aqui? Você se acha competente? Você está preocupado em perder o emprego? Você gosta de mim? Por que você está sempre tão bem-humorado? Pergunta o chefe. Henrique é enfático, não responde todas as perguntas, apenas aponta a janela e a paisagem urbana de fora e solta todo o ar que contém no pulmão e diz com a seriedade de um tribunal. Não estou preocupado em perder o emprego e, inclusive, eu me demito! Toma o chefe em uma brusca surpresa. Henrique não aguenta mais as pressões abusivas sofridas, prefere largar o emprego, largar tudo e o faz. Passa no RH no mesmo instante, pede as contas, desfaz as gavetas, não retorna de nenhum sentimento de boas lembranças, se despede dos companheiros de trabalho, dá um beijo carinhoso em Rita, sua melhor amiga ali e vai. Fazendo-se por um livramento enorme. Estou livre, estou livre! Pensa bem e resolve fazer um texto no LinkedIn, falando de sua experiência na empresa. Faz o texto no celular mesmo minutos depois, talvez não fosse o ideal se abrir no calor do momento, mas não queria esperar. É bom com as palavras, começa a postagem às nove e meia da

manhã, às dez estava terminado, recebe inúmeras curtidas e comentários de solidariedade, mas a postagem não viraliza, no entanto, se sente satisfeito e energizado. Fica feliz com o desabafo. Dá mais um suspiro de alívio.

São dez e meia, resolve dar uma pausa. Está no Girondino, centro histórico de São Paulo, Rua Boa Vista, pertinho do Pátio do Collegio, pontapé inicial da cidade, toma um capuccino médio, observa compenetradamente a espuma, como fosse uma nuvem repleta de linguagens ocultas, desenhos por terminar, como as crianças fazem quando imaginam barcos de sóis no céu, algo anunciando um novo momento, uma vida por começar. Doce, mexe a colher para lá, para cá, faz movimentos circulares no líquido, toma devagar e demoradamente, vivendo o capuccino, experimentando a sua existência, idealiza sua cor amarronzada na mente, tem a cor da terra... é bom isso, até que termina a bebida, será tempos de austeridade econômica, mas acho que vou gastar um pouquinho mais, hoje é um dia importante e logo pede um strudel com sorvete de creme e pede junto um prato que não seja claro. O pedido causa estranhamento no garçom, um prato escuro, preto? Pode ser de qualquer cor, menos branco e creme. Está bem, vou providenciar.

Enquanto espera, Henrique sente o aroma do lugar, uma sensação lhe solidariza com o espaço e se sente agraciado, o café está longe de estar cheio, mas há algumas pessoas tomando suas bebidas e comendo seus doces, garçons andam por todos os lados, são seres precedidos da luz. A madeira da mesa e do piso lhe agradam, lhe dá a sensação de aconchego. O ambiente o inebria, chega o strudel com o sorvete e um prato preto. Obrigado, amigo. Henrique vai comendo o strudel, novamente devagar, degustando o instante, ao mesmo tempo,

vai amassando e deixando o sorvete derreter, até que se torne líquido, o ambiente é uma massa de segredos por habitar, um lugar onde não há um soldado, apenas histórias pouco sérias e que não precisam fazer sentido, o strudel está pela metade, come como se nunca o houvera. O sorvete chega a ponto de bebida, pega com a colherzinha do capuccino que o garçom deixara, ainda não havia recolhido a louça do primeiro pedido. Pega a colher pela concha, suja um pouco os dedos, dá um riso, limpa com o guardanapo dedo e concha e leva a ponta do cabo até o sorvete derretido e, como um pintor, quiçá Volpi, quiçá Tarsila, quiçá Portinari, molha a ponta do cabo no novo caldo, o pote é um tinteiro, ele dá leves pinceladas no prato escuro, com cuidado e sorriso, vai fazendo a sua arte, enquanto cantarola uma música que não é compreensível, talvez “Alegria Alegria”, o que chama a atenção de uma garçonete que dá uma olhada de soslaio e identifica duas palavras e um desenho. Se aproxima de Henrique para perguntar se ele deseja algo mais, isso é bobagem, na verdade, ela só quer ver o que está escrito, o que faz aquele homem, o que tanto o cerca a esse momento, porque está num estado diferente de todos os outros clientes. Bom dia! E seu ponto de exclamação, além de dois olhinhos bem pequenos e um sorriso largo no prato, acima das palavras. A moça dá um riso, Henrique percebe e diz: essa é a minha arte do dia.

Conversam um pouco. Você nunca vem aqui nesse horário. Pedi demissão. Nossa! Estou melhor agora. Sério? Não aguentava mais, qual o seu nome? Ângela. Está tranquilo aqui hoje? Depende do dia, mas logo vai encher, não vamos conseguir falar mais depois. Ela é uma bela mulher, pensa Henrique, reluta, mas, depois de uns cinco minutos de papo, pensa

EDITORA
www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

CONTATO
leonardo.bachiega@gmail.com

Livros iluminam

Este livro foi composto em Minion Pro
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em outubro de 2023.
